

Martha Graham a Grande Dama da Dança Moderna

BARBARA MORGAN



Um exemplo vívido e vibrante do que pode conseguir
uma integral dedicação

EMILY e OLA D'AULAIRE

A BROADWAY nunca vira coisa igual. No Teatro Uris, no dia 19 de junho de 1975, o pano subiu às 8:10, surgindo uma mulher fascinante, de idade indefinida, ereta e imóvel no meio de um palco vazio. O efeito foi eletrizante, e por um longo momento o

público susteve a respiração. Depois, subitamente, todo o público se levantou numa estrondosa ovação à legendária Martha Graham, sacerdotisa suprema da dança moderna.

Mais de 1.800 dignitários, celebridades e estudantes pagaram

entre 25 e 10 mil dólares para assistir à comemoração do 50.º aniversário da Companhia de Dança de Martha Graham. Os donativos (202 mil dólares, a maior soma jamais conseguida num espetáculo da Broadway) iriam permitir à companhia pagar as dívidas e financiar a temporada seguinte. Contudo, a atração principal dessa noite era a mulher inovadora que, praticamente sozinha, tinha transformado a dança de um mero ornamento num poderoso meio de expressão dramática.

Alguns antropólogos crêem que a dança é a mais antiga forma de comunicação, precedendo mesmo a fala, e é essa intemporalidade que uma Martha Graham evoca. Depois de assistir a uma de suas atuações, um psicólogo observou: «As suas danças falam diretamente das emoções humanas, sem necessidade de palavras.»

Miss Graham domina o panorama da dança moderna há meio século, e hoje, com 82 anos, não mostra sinais de querer desistir. Já contribuiu com mais trabalhos para o teatro do que qualquer outra mulher na história (mais de 150 peças de dança), e continua a lançar novas obras todos os anos. «Estou faminta, ávida, de todas as sensações que posso obter», diz ela. Embora já não atue em público, é uma figura impressionante enquanto comenta as atuações especiais de sua companhia.

Sua presença dramática e seu porte (cabelo escuro puxado para

trás, maçãs do rosto salientes, um traço de batom vermelho num rosto fantasmagoricamente pálido) fazem a sua pequena estatura de 1,60 m parecer o dobro. Fala com voz seca e baixa que pode tornar-se tão ameaçadora como um estopim incandescente quando seu temperamento se altera. «Martha», diz uma antiga aluna, « sussurra mais alto do que a maioria das pessoas gritam.»

O significado do movimento. Durante sua longa e muitas vezes solitária cruzada para trazer até o público a sua visão particular da dança, Martha Graham teve muitas vezes de sussurrar em voz muito alta. Durante anos, lutou, sacrificou-se e suportou o ridículo, mas emergiu como um exemplo de tudo o que o individualismo e a dedicação total podem realizar. Hoje a maioria das universidades dos Estados Unidos incluem a dança moderna nos seus currículos e, segundo um crítico, «dificilmente se encontra no país um bailarino, desde a Broadway até o balé clássico, que não lhe deva alguma coisa».

No decorrer dos anos, atores como Joanne Woodward, Gregory Peck, Tony Randall, Henry Fonda e Lorne Green procuraram Martha para aprender aquilo que ela chama de «a magia do gesto, o significado do movimento». A primeira-dama Betty Ford foi sua aluna; Woody Allen também. As bailarinas modernas Pearl Lang, Merce Cunningham e Anna Soko-

low, que hoje em dia têm conhecidas companhias próprias, começaram com Martha. Mesmo o superastro do balé clássico Rudolf Nureyev foi pessoalmente orientado por ela – e tomou parte na sua apresentação de gala, em 1975.

Martha Graham nasceu em Allegheny, Pensilvânia, em 1894. Depois que sua família se mudou para a Califórnia, Martha com 17 anos de idade, insistiu com o pai para que a deixasse assistir a um espetáculo de dança em Los Angeles, onde se exibia Ruth St. Denis, contemporânea de Isadora Duncan. «Eu soube depois de ver aquela atuação», relembra ela, «que tinha de ser bailarina.» No entanto, foi seu pai, um médico interessado em doenças mentais, quem anos antes lhe dera sua primeira lição, quando a apanhou numa mentira. «Como é que você descobriu?», perguntou ela. «O movimento», respondeu ele, «nunca mente.» Esta afirmação iria moldar toda a sua vida.

Contudo, só aos 22 anos, livre da asa protetora de sua mãe (seu pai tinha morrido dois anos antes), Martha se inscreveu na Denishawn School of Dance dirigida por Ruth St. Dennis e pelo seu marido, e também *partner*, Ted Shawn. É crença geral que os bailarinos precisam de uma longa prática durante a infância, e assim, para Martha, deveria ser demasiado tarde. Apesar disso, as preocupações com idade nunca obstruíram o caminho de Martha Graham.

«Isso causa limitações», diz ela. «E eu odeio limitações.» Em quatro anos apenas, ela se tornou a primeira bailarina da companhia.

Enquanto os talentos de Martha Graham floresciam, o mesmo acontecia com a sua personalidade de alta voltagem. Numa ocasião, representando uma moça índia tolttec perseguida por um suposto atacante, ela lutava tão furiosamente que seu *partner* saía de cada representação machucado e arranhado. Uma noite, ele deixou-a cair acidentalmente. Ela pagou-lhe na mesma moeda, mordendo-lhe a perna enquanto ele tentava em vão sacudi-la. Os espectadores ficaram maravilhados. Pensaram que a cena fazia parte do bailado.

Horas de dor e alegria. Em 1923, precisando de dinheiro, Martha aceitou trabalhar com Greenwich Village Follies, de Nova York, onde permaneceu por dois anos. Contudo, só divertir os outros não a satisfazia. Sentia necessidade de experimentar um tipo de movimento que penetrasse até o mais profundo da emoção humana. O balé clássico parecia-lhe demasiadamente artificial. Os seus movimentos, baseados em cinco posições fundamentais de pés e mãos, eram excessivamente previsíveis.

«Eu não queria representar uma flor», relembra Martha, «queria representar um ser humano, a glória e o terror de estar viva.» Passou horas em frente do espelho tentando descobrir como o corpo

humano exprime paixão, dor, alegria e tristeza. Pouco a pouco, desenvolveu nova forma de dança.

Os movimentos de Martha não faziam qualquer tentativa para esconder o esforço requerido, como acontece no balé. Ela passava tanto tempo contorcendo-se no chão como lançado-se no ar. As suas vestes eram extremamente sóbrias; seus pés, descalços. Movimentos bruscos, às vezes violentos, do tronco, dos braços e das pernas substituíam a graciosidade ondulante do balé.

Aos 32 anos, Martha deixou o Follies e, depois de ensinar por uns tempos em escolas de dança, formou uma pequena companhia própria com alunos dedicados. Pediu mil dólares emprestados para lugar um teatro, e deu seu primeiro recital de dança moderna na Broadway. Os críticos ficaram confusos com o que viram e as críticas foram negativas. Martha ignorou-os.

A princípio, o público era escasso — tão pouco numeroso que ela precisava dar aulas durante o ano inteiro para pagar uma única representação. Só tinha dinheiro para pagar um piano para acompanhar seus espetáculos, e os membros de sua companhia, que recebiam dez dólares por atuação, tinham outros empregos para se manterem.

«Os cruzados não esperam retribuição», dizia Martha, e costumava seus próprios trajés. Sua vida diária era extenuante. Levantava-

-se às cinco da manhã para treinar (só quando conseguia executar 400 saltos em 15 minutos sem se cansar é que se considerava em forma), dava oito horas de aulas, fazia ensaios da companhia, e depois trabalhava sozinha durante a noite em novos números. As palavras «não consigo» não existiam para ela.

Observando as jaulas dos felinos. Aos 36 anos apenas obteve seu primeiro triunfo cênico, com um trabalho que transformava as danças rituais dos índios do sudoeste norte-americano numa celebração do mistério da vida. A representação estava tão carregada de sentimentos e emoções que o público aplaudiu entusiasticamente. Nessa ocasião, os críticos tomaram conhecimento de sua existência. «Vá a uma representação de Martha Graham não para ver como os bailarinos executam os passos», escreveu um crítico. «Vá para viver um pouco da verdade da existência humana.»

Os trabalhos de Martha são estudos sobre sentimentos e conflito. Ela encontra inspiração para eles nas qualidades intemporais e fontes tanto clássicas como modernas, que vão do mito grego à poesia de Emily Dickinson — inspira-se até nos leões. Durante horas passeou em frente às jaulas dos felinos para conseguir provar aquele «sentimento especial dos animais antes do ataque».

Por volta dos quarenta anos, Martha já era considerada uma fi-

gura nacional das artes. Nessa época já encomendava partituras musicais aos compositores mais célebres e contratava orquestras inteiras para os seus espetáculos. As pessoas começaram a considerá-la um gênio.

Cada vez mais, a sua vida pessoal assumia um lugar secundário diante de sua vida profissional. Aos 54 anos, casou com Erick Hawkins, participante de sua companhia, mas o casamento dissolveu-se dois anos depois (divorciaram-se quatro anos mais tarde). Ele formou sua própria companhia e Martha Graham continuou a fazer sua especialidade: lançar novas peças de dança.

Na qualidade de incontestável fundadora de uma forma de arte exclusivamente norte-americana, Martha foi enviada pelo Departamento de Estado para representar os Estados Unidos em duas turnês de amizade pela Europa e pelo Extremo Oriente. No Japão chamaram-na de «um tesouro nacional vivo», Paris condecorou-a, e, de regresso à pátria, recebeu o prêmio Aspen de Humanidades.

«**Não aposentada**». Contudo, apesar de sua vigorosa reação contra a idade, seus dias de dança estavam no fim. Com exercício, disciplina e força de vontade tinha conseguido atuar durante mais décadas do que qualquer bailarina na história, mas, por fim, a força de vontade já não era suficiente. Dançou pela última vez em público aos 75 anos, em 1969.

Foi-lhe tão difícil enfrentar o fato de que os seus anos como atriz tinham acabado que caiu doente. Passou dois anos e meio lutando contra uma grave perturbação intestinal. Durante esse tempo reconciliou-se com a idade e, quando se recuperou, foi ela própria quem não se aposentou.

Hoje em dia, a sua vida é dedicada à coreografia, à produção de novos trabalhos e à direção da Companhia da Dança Martha Graham e da Escola de Dança Contemporânea Martha Graham, ambas com sede na cidade de Nova York. Trabalha nove horas por dia, sete dias por semana, revivendo as danças antigas e ensinando-as aos outros para que seus trabalhos sejam preservados. Recentemente, quando o empresário lhe levou uma xícara de chá, durante um ensaio a altas horas da noite, um dos novos membros da companhia suplicou: «Não lhe podia dar um calmante?»

Martha Graham parece não conhecer o significado da expressão «diminuir o ritmo». Em 1976, fará uma turnê com seus bailarinos durante cerca de 11 meses – pelos Estados Unidos, Canadá, Europa e Oriente Médio. «Não me aborrecerei», declara sem rodeios, e ninguém duvida. Ela é, acima de tudo, a mulher que, em face de grande ceticismo, criou uma forma de arte completamente nova. Uma vez, declarou: «Eu não podia modificar-me. Não se pode desistir daquilo que se é.» ▲